A TEORIA HISTÓRICO - CULTURAL, O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O DESENHO

LUCIMAR DE FÁTIMA CARNEIRO AURELIANO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer as concepções da infância, uma das linguagens das Artes plásticas que permeiam os discursos e a prática do cotidiano escolar da Educação Infantil. O trabalho coloca a criança como produtora, autora principal de seus desenhos, como cidadã de direitos das interações sociais, na formação e no desenvolvimento máximo da sua inteligência e da sua personalidade, que frente aos novos conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento, apontados nos documentos estudados, tem o propósito em demonstrar, orientar ou até mesmo ensinar como respeitar essa infância, esse tempo, para não colocar a criança como reprodutora de desenhos já prontos e pré estabelecidos, que a criança não é e nunca será mera reprodutora, pois ela é criativa e tem capacidade, para desenvolver seus próprios desenhos, bastando ser estimulada de forma correta. Estes fundamentos foram elencados de materiais bibliográficos oferecidos no curso de Artes, textos de autores e estudiosos como Vygotsky e outros que traduziram essa perspectiva de criança.

Palavras – chave: Histórico. Infantil. Desenho

INTRODUÇÃO

Dentre as várias contribuições da Teoria Histórico-Cultural, destacam-se as teorizações das funções psicológicas superiores, entendidas como pensamento, memória, percepção, atenção, imaginação, linguagem, entre outras, as quais são próprias do homem e são desenvolvidas por meio da utilização de instrumentos adquiridos culturalmente.

Dentre esses instrumentos, o desenho é apresentado como um potente veículo de comunicação, ao mesmo tempo, que enriquece as possibilidades de comunicação e expressão de todo ser humano. (Vygotsky, 1995)

Por isso o estudo do desenho, tem como propósito dar sentido e estabelecer uma relação entre as vivências e as descobertas das crianças em relação à Arte, durante sua passagem pela educação infantil, preparando-a para o ensino fundamental, quando de fato irá escrever, registrar e expressar informações, ideias e sentimentos com mais tranquilidade, sem pular etapa, para chegar à escrita.

Com isso, espero contribuir para uma ressignificação de determinadas práticas pedagógicas reconhecidas como tradicionais, como meio de compreender a fase do desenho contextualizada culturalmente na formação do sujeito, nesse caso a criança.

A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Conforme citam os autores Vieira e Gasparin (2009), a Teoria Histórico-cultural foi criada em resposta aos problemas concretos enfrentados pelo povo russo em determinado tempo da história. Para Tuleski (2002, P.45), foi" [...] produto das lutas na intrincada União Soviética que vai da Revolução Russa, 1917, à década de 30". No bojo de tal revolução é que "[...] começam os problemas da sociedade russa que iriam sugerir a teoria de Vygotsky" (TULESKI, 2002, P.51).

Essa teoria é conhecida também como Escola de Vygotsky, em referência ao seu principal formulador – L.S. Vygotsky -, a quem corresponde "[...] o mérito inestimável de ser o primeiro a aplicar o materialismo dialético e histórico à ciência psicológica, (SHUARE, 1990, p.57)".

Sua introdução no Brasil teve início com Minardes a partir do final da década de 70 do século XX e se deu por meio de professores que retornavam de cursos de pós-graduação realizados no exterior, dando início aos primeiros grupos de estudo em torno dessa teoria, ampliando sua abrangência na academia e dá-se a entrada na rede de ensino com" [...] significativa expansão na publicação de livros e artigos e ainda um crescimento relevante de dissertações e teses defendidas" (MINARDES,1998, P.56).

Essa teoria psicológica, ao abordar temas como mediação, aprendizagem, desenvolvimento, funções psicológicas, conceitos espontâneos e científicos, zona de desenvolvimento, entre outros de igual relevância, tem fornecido ricos subsídios para estudos e investigações na área da educação, em especial no que se refere à aprendizagem.

AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

Destacamos as funções psicológicas superiores, entendidas como pensamento, memória, percepção, atenção, imaginação, linguagem, que são próprias ao homem e são desenvolvidas por meio da utilização de instrumentos criados socialmente. De acordo com a teoria histórico-cultural, é por meio das interações, dos relacionamentos sociais que o indivíduo desenvolve tais funções psicológicas superiores. Conforme citam Vieira

e Gasparin (2009)

O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do quais as crianças penetram na vida intelectual daqueles que o cercam (VYGOTSKY, 2007, P. 100)

E as funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores são os mecanismos psicológicos complexos, próprios dos seres humanos, como a atenção voluntária, as ações conscientes, o comportamento intencional e o pensamento abstrato. São considerados superiores por se distinguirem dos processos psicológicos elementares como as ações reflexas, por exemplo: sucção do seio da mãe pelo bebê, as associações simples, por exemplo: evitar o contato da mão com o fogo e as reações automatizadas, por exemplo: movimento da cabeça em direção a um ruído repentino.

Com a Teoria Histórico-Cultural, aprendemos a perceber que cada criança aprende a ser um ser humano. O que a natureza provê no nascimento é condição necessária, mas não é o suficiente para garantir o seu desenvolvimento. É preciso se apropriar da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade. Apenas na relação social com parceiros mais experientes, as novas gerações internalizam e se apropriam das funções psíquicas tipicamente humanas da fala, do pensamento, do controle sobre a própria vontade, da imaginação, da função simbólica da consciência -, formam e desenvolvem sua inteligência e sua personalidade. Esse processo que se denomina processo de humanização, é portanto um processo de educação (Leontiev, 1978).

Nesta perspectiva, há uma primazia do princípio social sobre o princípio natural-biológico, quanto ao desenvolvimento psíquico do homem, quer dizer, Vygotsky não nega a influência da parte biológica, porém, enfatiza o aspecto social no desenvolvimento das funções psicológicas. (Antonio,2008) A internalização é por meio das relações com outros homens, por meio da mediação de instrumentos, principalmente por meio da linguagem, instrumento simbólico básico de todos os grupos humanos e dos objetos instrumentos concretos, que o indivíduo chega a interiorizar os elementos culturalmente estruturados, que Vygotsky chama de internalização, a reconstrução interna de uma operação externa. (Antonio,2008)

Suas contribuições para a educação. A Teoria Histórico - Cultural elaborada por Vygotsky e seus colaboradores têm suas contribuições pensadas em suas implicações pedagógicas especialmente para a educação infantil.

Segundo a Teoria Histórico-Cultural, a criança é ativa no processo de aprender. Ela aprende quando participa da elaboração das ações que envolvem as atividades da sua rotina e por consequência não aprende sozinha, é necessário que ela tenha outras pessoas próximo dela para que possa aprender a se desenvolver, relacionar-se com o mundo e apropriar-se dos objetos que o compõem como: a linguagem, os objetos materiais e não materiais, os instrumentos, as técnicas, os hábitos e os costumes, os valores, tudo que faz parte da cultura humana. A criança ao interagir, experimentar e conhecer tudo atribui sentido ao que está fazendo pelo fato de estar em atividade, motivada em saber executar aquilo que os seres humanos já criaram ao longo da história humana.

Segundo Mello (2007), Marx foi o primeiro a perceber a natureza social e histórica do ser humano. Para ele o ser humano se apropria das qualidades humanas, ao se apropriar dos objetos da cultura histórica e socialmente criados.

Todas as suas relações com o mundo - ver, ouvir, cheirar, saborear, pensar, observar, sentir, desejar, agir, amar - em suma, todos os órgãos da sua individualidade, como órgão que são de forma diretamente comunal, são, em sua ação objetiva (sua ação com relação ao objeto) a apropriação desse objeto, a apropriação da realidade humana. (MARX, 1962, P. 126).

Essas aquisições humanas não se dão como herança genética, não nascem com o indivíduo, mas se dão sob forma de objetos externos da cultura material e intelectual e que ao ser apropriadas pelas novas gerações se tornam elementos internos como pensamento, fala, imaginação, capacidade, habilidades e aptidões.

Segundo Mello (2007), Leontiev 1978, P.272), afirma que: as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas estão aí apenas postas.

Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, os "órgãos da sua individualidade", a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, um processo de educação.

Leontiev (1978) entende a educação como processo de internalização e de apropriação da cultura produzida historicamente. É por meio da educação que nos humanizamos, ou seja, torna-se possível a formação de nossa segunda natureza, a natureza social.

Bernardes (2007) aponta que a educação, além de ser uma exigência do e para o trabalho de forma geral, é também um processo de trabalho. Saviani

(2000, P.17) sintetiza o objetivo da atividade educativa, afirma que "[...]o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens"

Sendo assim, a educação tem um papel fundamental na formação desse indivíduo, fazendo-se, presente a todo o momento, mas nem sempre de forma planejada e sistematizada. Principalmente no que diz respeito à educação escolar.

Considera - se que é por meio da atividade pedagógica que as ações na escola, como instituição social cuja finalidade é a transmissão do conhecimento elaborado historicamente, criam situações sistematizadas para a superação das condições alienadoras instituídas historicamente na sociedade, cabendo ao professor viabilizar a transmissão e assimilação desse saber.

De acordo com Asbahr (2005), a significação social da atividade pedagógica deve ser comprometida a partir das relações na educação que criam as condições para a:

[... formação crítica do aluno, possibilitando que este tenha acesso também ao processo de produção do conhecimento. [...] Assim, o aluno não é só objeto da atividade do professor, mas é principalmente sujeito e constitui-se como tal na atividade de ensino/aprendizagem na medida em que participa ativamente e intencionalmente do processo de apropriação do saber, superando o modo espontâneo e cotidiano do conhecer. (ASBAHR, 2005, P.61)

Bernardes (2006 b) explicita que a atividade pedagógica se constitui como a unidade dialética entre duas atividades específicas: a atividade de ensino própria do educador, e a atividade de estudo, própria dos estudantes. Está unidade é decorrente da integração de motivos, ações e operações entre atividades específicas do educador e dos estudantes. Assim o motivo constitui-se da atividade pedagógica, que mobiliza as ações e operações tanto dos estudantes quanto dos educadores, é o processo de humanização.

Segundo Mello (2004), o equívoco que deve ser corrigido nas práticas tradicionais é pensar que as crianças – seja na educação infantil, seja no ensino fundamental – aprendem quando ouvem informações da professora ou quando executam atividades escolares pensadas pela professora para preencher o tempo da criança na escola. Para aqueles que partilham desse modo de pensar, o bom aluno é aquele que ouve e executa as tarefas que a professora propõe e que permite que a professora "passe" para a turma a maior quantidade de conteúdo escolar.

Retomando a teoria histórico-cultural, a criança que aprende é ativa no processo de aprender. O que isso significa? Que ela aprende quando é sujeito no processo de conhecimento e não um elemento passivo que recebe pronto o conteúdo do ensino. No processo de relacionar-se com o mundo e de apropriar-se dos objetos que o compõem (a linguagem, os objetos materiais, os instrumentos, as técnicas, os hábitos e os costumes, os valores, enfim o conjunto da cultura humana) a criança atribui sentido a tudo que vê, experimento, conhece. Só a criança que está em atividade é capaz de atribuir um sentido ao que realiza. E o que significa estarem atividade? Significa a criança saber o que está fazendo, para que faça e estar motivada pelo resultado daquilo que faz, realiza. Quanto mais a criança participa das atividades desenvolvidas na escola, dando a conhecer suas necessidades de conhecimento - conforme seu grau de humanização ou alienação – trazendo, elementos que ajudarão na elaboração de atividades da sua rotina diária, tais como: na organização do plano do dia, na organização do espaço etc. Pois quanto mais a criança participa da elaboração da sua rotina, mais interesse ela demonstrará em executá-la garantindo um melhor aproveitamento das aprendizagens.

Diante dessa perspectiva sobre a infância, o professor tem elementos sobre as reais necessidades e as formas mais adequadas para promover o desenvolvimento das capacidades humanas em cada criança. É mediador do acesso da criança ao conhecimento a ser aprendido, tem possibilidade de escolher o melhor caminho e conteúdo da cultura para a atividade e, consequentemente, pode intencionalmente promover a atividade da criança e a aprendizagem e o desenvolvimento das funções psíquicas.

Conhecer a criança e seu desenvolvimento é condição para este trabalho. O professor assume um papel importante na medida em que escuta, observa, reflete, documenta e interpreta o processo realizado pela criança, questionando seus próprios saberes. Torna-se sensível e aberto para ouvi-la, oportunizando um aprendizado com base na mediação recíproca, constituem-se como sujeitos na prática pedagógica.

Para Gasparin (2007), todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem etapas que exigem uma nova postura do professor na elaboração do seu trabalho.

Para o professor implica uma nova maneira de estudar e preparar o que: será trabalhado com os alunos. O conteúdo é submetido a dimensões e questionamentos que exigem do mestre uma reestruturação do conhecimento que já domina. O conteúdo é entendido como uma construção social histórica para responder às necessidades humana. (GASPARIN,2007, P.49)

Mesmo que todo processo educativo tenha caráter mediador, o trabalho do professor guarda especificidades, pois sua finalidade é garantir às crianças a apropriação de

um conhecimento mais elaborado, sistematizado e clássico.

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desenho tem sua importância na Educação Infantil, não apenas como meio de reproduzir rabiscos e pintá-los, mas é uma maneira da criança se expressar, criando uma ponte entre o mundo real e o imaginário, transmitindo por meio do desenho sua realidade, dando a ele um significado, ao interpretar a sua maneira tudo que está a sua volta. A forma de como as coisas ocupam os espaços e como o corpo reage diante desses espaços, se é de forma natural ou cultural, sendo ela coparticipante ou ouvinte, ao experimentar tudo isso a criança começa a estruturar sua identidade, pois segundo Porche (1982, p. 25):

O que é fundamental para a educação artística, são valores do meio ambiente, a qualidade de vida. Por meio do meio ambiente devemos entender os valores sensíveis do panorama da vida dos objetos naturais e artificiais, sendo o conjunto dos estímulos sensoriais, formas, cores, cheiros, sabores, movimentos e ruídos, através dos quais o espaço se acha ocupado, diferenciado, determinado como espaço familiar para quem o habita.

Para a criança, desenhar não é só pegar e usar lápis e papel, é experimentar sensações, novas descobertas, que a levam conhecer seu próprio corpo, pois o corpo humano se percebe por meio dos sentidos e o professor ao propor materiais, atividades práticas, que são necessários para utilizar algumas partes do corpo, ou todo o corpo, estará favorecendo o desenvolvimento da percepção, sensações táteis, auditivas, olfativas, gustativas e visuais. O mundo dos sentidos está cheio de informações. Pois segundo Porche (1982, p.102):

O desenho é o conjunto das atividades humanas, que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais de um mundo figurativo. Estas figuras podem ser feitas de formas carregadas de emotividade e afetividade de formas codificadas, signos de uma linguagem elaborada. Elas exigem, para a sua fabricação, da colaboração das mãos, dos olhos, de instrumentos, de técnicas e de materiais.

E é possível por meio do desenho, fazer descobertas sobre a criança e proporcionar ações, que colaborem com o desenvolvimento e aprendizagem significativas, pois desenhar é um ato constitutivo de se entender e interpretar o mundo. O professor pode desenhar com a criança, compartilhando experiências, como uma brincadeira, desde que tenha uma intenção, pois a intencionalidade dá sentido ao pedagógico. Para Almeida (2003, p.27):

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio, elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade, que observam e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.

Fato é que quanto maior e mais repertório, maior a arte da criação da criança, pois quando o cérebro se estende para aprender uma coisa nova, ele não volta ao estágio que estava antes.

Na etapa conhecida como primeira infância, o mundo dos objetos e instrumentos desperta um interesse imediato, não midiatizado pelo uso social que deles fazem os adultos. A exploração e o tateio dos diferentes objetos, as descobertas que realiza nesse tateio movem seu desenvolvimento até aproximadamente os três anos de idade, pois, por meio dessa experimentação, acriança observa, se concentra, cria modelos de ação que servem ao seu pensamento, interage com as outras crianças que estão à sua volta, tenta resolver as dúvidas com a manipulação e interação dos objetos, que geram e enviam importantes estímulos ao seu cérebro. Na atividade com os objetos, a criança descobre características, propriedades, ampliando conhecimento do mundo ao seu redor, exercita sua percepção, sua comunicação, seu desenvolvimento motor.

Acumula experiências e cria uma memória, exercita e desenvolve a atenção, a fala, o pensamento e faz teorias, ou seja, interpreta e explica o que vai conhecendo. A experiência de generalização que vivência na atividade com os objetos transforma a percepção em percepção categorial, o que fortalece e amplia o seu desenvolvimento. A percepção sem palavras vai sendo substituída gradativamente pela percepção verbal, o que acarreta mudanças essenciais na própria percepção.

Como afirma Vygotsky (1996, P. 365),” o essencial para ao ser humano não é o simples fato de perceber o mundo, mas de compreendê-lo”, pois a consciência se move sempre no plano de algo atribuído de sentido.

Segundo Mello (2004), em nosso desejo de garantir que as crianças aprendam o mais cedo possível com construções soltas, que não significam nada, para quem mal aprendeu a pegar no lápis, e ainda está elaborando sua intenção de comunicação, ainda está desenvolvendo sua expressão pelo desenho, pela fala, pelo faz de conta, estão sendo apresentados desenhos de letras ou desenhos prontos com a finalidade de ensinar a ler e escrever. Um equívoco das muitas práticas docentes, que pensam, que se a criança se alfabetizar cedo, terá um futuro promissor, sem maiores dificuldades, mas o que acontece na maioria das vezes é um cansaço da criança que não tem interesse pela atividade, não se sente motivada, estimula-

da dando início a uma das causas do fracasso escolar, falta de interesse, pois a criança não tem formado para si o sentido da escrita, nem a necessidade de ler e escrever.

A escola que deveria privilegiar a cultura da expressão (por meio da fala, d desenho, da pintura, da brincadeira de faz de conta, e outras formas de linguagem),fecha-se para as formas pelas quais a criança poderia se expressar. Nesse período, a criança ainda não pode se expressar ainda pela escrita, porque está aprendendo as letras isoladas com as quais ainda não pode expressar suas necessidades, sem exercitar a expressão, o escrever fica cada vez mais mecânico, pois sem ter o que dizer a criança não tem o que escrever.

Por isso, seja na educação infantil ou no ensino fundamental, a criança deve ser estimulada e incentivada a expressar-se por meio das muitas linguagens possíveis, sem excluir nenhuma, pois as linguagens não podem estar separadas entre si e nem das experiências significativas - por exemplo, conhecer o meio em que vive e convive, casa, escola, assuntos que chamam sua atenção por meio de observação e experimentação da natureza, leitura, vídeo, conversa com especialistas e depois registrar esses momentos usando um dos recursos pintura, modelagem desenho, colagem, brincadeiras e teatro de fantoches propiciarão o desenvolvimento para um próximo passo, a leitura e a escrita, que a criança vai dará fim de apropriar-se do mundo.

Essas atividades surgem a partir das experiências significativas que são oferecidas para a criança. Assim como já foi dito, essas atividades são estimuladoras da expressão da criança, pois partem daquilo que as crianças ouvem, veem, vivem, manuseiam, brincam, e são estimuladas a falar, relatar nas rodas de conversa, leitura e manuseio de livros descobrem e aprendem.

Portanto é necessário que o professor e toda a escola estejam preparados para propor atividades que despertem e estimulem na criança a vontade de se expressar. A preocupação com uma quantidade de exercícios que visem a reprodução e a cópia de atividades para preencher o tempo da criança ou para agradar aos pais nas reuniões bimestrais não ajuda na formação da criança para ser leitora e produtora de textos, o que constitui o passo essencial no processo de aquisição da cultura escrita.

Segundo Mello (2004), devemos com urgência desconta minar a escola da infância dos procedimentos típicos do ensino fundamental e contaminar o ensino fundamental com procedimentos – como as atividades de expressão – que devemos ter como típicos da escola infantil e que, para o bom desenvolvimento da inteligência da personalidade das crianças, devem estar presentes a todo tempo.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o estudo de uma nova visão de infância, de educação infantil, que surgiu com o entendimento de que a criança possui ilimitada capacidade de aprender, e é capaz de ações humanizadas, de relacionamentos, de convivências com outras crianças e adultos do seu entorno, que isso, constitui sua natureza social e humana, mediante apropriações e objetivações promotoras do seu desenvolvimento.

Percebo que a Educação assume um papel importante no desenvolvimento humano, é por meio da Educação que a criança se apropria dos objetos criados historicamente pela humanidade e o professor passa a ser o mediador dessa cultura dando suporte na medida, em que observa, escuta, reflete, documenta, interpreta o processo realizado pela criança e ao questionar os seus saberes. Os dois, criança e professor, pelo elo de ligação que o desenvolvimento do trabalho exige, constituem- se como parceiros dessa prática pedagógica.

Pode-se observar que o desenho e outras práticas na área das Artes, que colaboram com o desenvolvimento infantil, são e são excelentes propostas de ensino, que podem e devem ser utilizadas pelo professor, que anseiam que sua criança supere seus obstáculos, tenha uma aprendizagem significativa, sem se importar comum currículo, que não seja coerente com a realidade da criança, mas sim com um currículo que atenda e respeite suas necessidades.

REFERÊNCIAS

VIEIRA, R.de A. e GASPARIN, J.L.Texto Implicações e Contribuições da Abordagem Histórico - Cultural pará a Educação Atual .Versão revisada da comunicação apresentada durante o IX Congresso Nacional de Educação(EDUCERE),em outubro de 2009.

BERNARDES, M.E.M.; ASBAHR, F.F da S. Atividade pedagógica e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Perspectiva,

Florianópolis, V.25, n.2, p.315-342 ,2007.

Faria, M.A.S. e MELLO, S.A. A escola como lugar da cultura mais elaborada.

Educação. Santa Maria, v.35, n.1, p.53-68, jan./abr. 2010.

MELLO, S.A. A especificidade do aprender na pequena infância e o papel do/a professor/a. Texto aguardando publicação na revista AMAZONIDA/UFAM.PORCHE, Louis. Educação artística: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus,1982.

ALMEIDA, Rosângela Doin. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.